

Marcada

The House of Night

Livro

1



1

Justo quando eu achava que meu dia não tinha como piorar, vi o cara parado perto do meu armário. Kayla estava falando sem parar as baboseiras de sempre e nem reparou nele. De início, agora que parei para pensar de verdade, ninguém havia reparado nele antes que começasse a falar, o que reforça tragicamente minha esdrúxula incapacidade de me encaixar no grupo.

– Não, Zoey, *juro por Deus* que Heath não ficou *tão* bêbado depois do jogo. Você não devia ser tão dura com ele.

– É – disse eu distraidamente. – Claro – então tossi. Outra vez me senti um lixo. Eu devia estar sofrendo daquilo que o senhor Wise, meu “mais insano que o normal” professor de biologia do curso preparatório, chamava de Praga Adolescente.

Será que se eu morresse conseguiria escapar da prova de geometria de amanhã? A esperança é a última que morre.

– Zoey, por favor. Você está ouvindo? Acho que ele só tomou umas quatro, sei lá, cinco cervejas, e talvez umas três doses de licor. Mas isso não vem ao caso. Ele provavelmente nem teria bebido nada se os seus pais não a tivessem feito voltar para casa logo depois do jogo.

Trocamos um longo olhar de resignação e de total concordância em relação à última injustiça cometida contra mim por minha mãe e pelo infeliz do meu padrasto, com quem ela se casara há três longos anos. Então, após mal parar para respirar, K. continuou a tagarelar.

– Além do que, ele estava comemorando. Ou seja, nós derrotamos o *Union!* – K. sacudiu meu ombro e levou o rosto para perto do meu.
– *Hello!* Seu namorado...

– Meu quase-namorado – eu a corriji, tentando ao máximo não tossir sobre ela.

– Que seja. Heath é nosso zagueiro, então é claro que ele ia comemorar. Fazia um milhão de anos que o *Broken Arrow* não derrotava o *Union*.

– Dezesseis – sou um desastre em matemática, mas K. me faz parecer um gênio.

– Mais uma vez, *que seja*. A questão é: ele estava feliz. Você devia dar um desconto para o garoto.

– A questão é que ele estava bêbado pela quinta vez na semana. Desculpe, mas não quero sair com um cara cujo principal foco na vida passou de jogar futebol no time do colégio a enxugar uma caixa de cerveja sem engasgar. Para não mencionar que ele vai ficar gordo com tanta cerveja – tive de fazer uma pausa para tossir. Estava me sentindo meio tonta e forcei-me a respirar lenta e profundamente quando passou a crise de tosse. Não que a tagarela da K. tivesse reparado.

– Eca! Heath *gordo!* Tô fora desse visual.

Eu dei um jeito de ignorar outra vontade de tossir.

– Beijá-lo é como beijar um pudim de cachaça.

K. fez uma careta.

– Tá certo, sua doente. Pena que ele é tão gostoso.

Eu revirei os olhos sem fazer questão de esconder minha irritação com sua típica superficialidade.

– Você fica tão irritadiça quando está doente. Enfim, você não faz ideia da cara de cachorrinho abandonado de Heath depois que você o ignorou no almoço. Ele nem conseguia...

Então eu vi o cara novamente. Morto. Tudo bem, eu logo me dei conta que ele não estava tecnicamente “morto”. Ele era um morto-vivo. Ou não humano. Sei lá. Os cientistas diziam uma coisa, as pessoas

diziam outra, mas no final era sempre a mesma coisa. Não havia dúvida do que ele era, e mesmo se eu não tivesse sentido o poder e a escuridão que irradiavam dele, não havia como deixar de perceber sua *Marca*, a lua crescente azul-safira em sua testa e a tatuagem adicional de um nó entrelaçado que lhe emoldurava os olhos igualmente azuis. Ele era um vampiro, e pior... ele era um *Rastreador*.

Bem, bobagem! Ele estava ao lado do meu armário.

– Zoey, você não está ouvindo nada do que estou dizendo!

Então o vampiro falou e suas palavras cerimoniosas deslizaram pelo espaço entre nós, perigosas e sedutoras, como sangue misturado a chocolate derretido.

– Zoey Montgomery! Fostes escolhida pela Noite; tua morte será teu nascimento. A Noite te chama; preste atenção para escutar *Sua* doce voz. Teu destino aguarda por ti na Morada da Noite!

Ele ergueu um dedo longo e branco e apontou para mim. Minha testa explodia de dor e Kayla abriu a boca e gritou.

Quando as manchas brilhantes finalmente sumiram de minha visão eu levantei os olhos e vi o rosto pálido de K. me olhando fixamente.

Como de costume, eu disse a primeira coisa ridícula que me veio à cabeça.

– K., seus olhos estão pulando para fora de sua cabeça como os de um peixe.

– Ele *Marcou* você. Ah, Zoey! Você está com o desenho daquela coisa na sua testa! – então ela apertou a mão trêmula contra os lábios brancos, tentando, sem sucesso, suprimir o choramingo.

Eu me sentei e tossi. Estava com uma dor de cabeça de matar e esfreguei a marca deixada entre minhas sobrancelhas. Era como se eu tivesse sido picada por uma abelha; a dor descia irradiando ao redor dos olhos, chegando às maçãs do rosto. Senti que ia vomitar.

– Zoey! – K. agora estava chorando de verdade, falando entre pequenos soluços.

– Ah... Meu... Deus... Aquele cara era um *Rastreador* – um vampiro *Rastreador*!

– K. – pisquei os olhos com dificuldade, tentando fazer desaparecer a dor de minha cabeça –, pare de chorar. Você sabe que eu odeio quando você chora – estiquei o braço para tentar reconfortá-la com um tapinha nos ombros, mas ela automaticamente se encolheu e afastou-se de mim.

Eu não conseguia acreditar naquilo. Ela se encolheu mesmo, como se estivesse com medo de mim. Ela deve ter visto nos meus olhos que fiquei magoada, pois imediatamente começou a soltar um monte de suas típicas baboseiras.

– Ah, meu Deus, Zoey! O que você vai fazer? Você não pode ir àquele lugar. Não pode ser uma daquelas coisas. Isso não pode estar acontecendo! Com quem irei aos nossos jogos de futebol?

Percebi que ela não se aproximou nem um pouquinho de mim enquanto tagarelava. Reprimi as sensações de enjoo e mágoa que ameaçavam me levar às lágrimas. Meus olhos secaram instantaneamente. Eu era boa em esconder lágrimas. Era para ser mesmo; tive três anos de treino para ficar boa nisso.

– Tudo bem. Vou dar um jeito. Deve ser algum... algum erro bizarro – menti.

Eu não estava realmente falando; estava apenas soltando palavras pela boca. Ainda fazendo careta de dor de cabeça, levantei-me. Olhei ao redor e senti um leve alívio por K. e eu sermos as únicas pessoas na sala de matemática, e então tive de engolir uma gargalhada que eu sabia ser de nervoso. Se eu não estivesse totalmente maluca por causa daquela maldita prova de geometria, marcada para o dia seguinte, e tivesse corrido até meu armário para pegar meu livro e tentar obsessiva e inutilmente estudar à noite, o *Rastreador* teria me encontrado em frente à escola, em meio à maioria dos 1.300 garotos e garotas que deixavam naquele momento o Colégio *Broken Arrow*, esperando o que a idiota da minha irmã “clone de Barbie” gostava de chamar,

toda metida, de “grandes limusines amarelas”. Eu tenho carro, mas ficar junto dos menos afortunados que tinham de pegar ônibus é uma tradição respeitada, além de ser uma excelente maneira de ver quem está dando em cima de quem. Supostamente, só havia outro garoto na sala de matemática – um *nerd* alto e magro de dentes estragados que eu, infelizmente, pude ver bem demais, pois ele estava lá parado com a boca escancarada, olhando para mim como se eu tivesse dado à luz uma ninhada de porcos voadores.

Tossi de novo, desta vez uma tosse bem molhada e nojenta. O *nerd* fez um barulhinho rangente e saiu correndo em direção à sala da senhora Day, apertando uma tábua de xadrez contra o peito esquelético. Acho que haviam mudado o encontro do clube de xadrez para segunda-feira depois da escola.

Vampiros jogam xadrez? Vampiros eram *nerds*? E vampiras chefes de torcida estilo Barbie? Algum vampiro tinha banda? Será que os vampiros eram *emos* esquisitos do tipo que usam calças de garotas e aquelas franjas tenebrosas que cobrem metade da cara? Ou seriam todos que nem aqueles góticos que não gostam de tomar banho? Será que eu ia virar gótica? Ou pior, será que eu ia virar *emo*? Eu não gostava muito de usar preto, pelo menos não o tempo todo, nem estava sentindo súbita aversão por água e sabão, e nem estava com nenhuma vontade obsessiva de mudar o estilo do meu cabelo e exagerar no delineador.

Tudo isso girava em um turbilhão em minha mente quando senti novamente a vontade de gargalhar e deixar escapar o nervoso que estava preso em minha garganta. Quase agradei por ter saído apenas como tosse.

– Zoey? Você está bem? – a voz de Kayla soou tão alta, como se alguém a estivesse beliscando, e ela deu mais um passo para trás, afastando-se de mim.

Eu suspirei e senti minha primeira faísca de raiva. Eu não havia pedido por nada disso. K. e eu éramos melhores amigas desde a

terceira série e agora ela estava olhando para mim como se eu tivesse virado um monstro.

– Kayla, sou eu. A mesma de dois segundos atrás e duas horas atrás e dois dias atrás – fiz um gesto de frustração em direção à minha cabeça latejante. – Isto não muda quem eu sou!

Os olhos de K. ficaram molhados de novo, mas felizmente o telefone celular dela começou a tocar *Material Girl*, de Madonna. Automaticamente, ela deu uma olhada para ver quem estava ligando. Pela cara de espanto dela, eu podia jurar que era Jared, seu namorado.

– Vá – eu disse com voz cansada e inexpressiva – pegue carona para casa com ele.

Seu olhar de alívio foi como um tapa na minha cara.

– Ligue para mim – disse ela, olhando rapidamente para trás e batendo em retirada pela porta ao lado.

Fiquei olhando enquanto ela saiu correndo pelo gramado leste em direção ao estacionamento. Deu para ver que ela estava com o celular grudado na orelha e conversando toda animadinha com Jared. Tenho certeza que ela já estava contando a ele que eu estava virando um monstro.

O problema, claro, era que me transformar em monstro era a mais luminosa dentre minhas duas opções. Opção número um: eu viro vampira, o que significa monstro na cabeça de praticamente todo ser humano. Opção número dois: meu corpo rejeita a mudança e eu morro. Para sempre.

Então a boa notícia é que eu não teria que fazer a prova de geometria amanhã.

A má notícia é que eu teria que me mudar para a Morada da Noite, um internato no centro de Tulsa que era conhecido entre todos os meus amigos como Escola de Aperfeiçoamento de Vampiros, onde durante os próximos quatro anos eu passaria por transformações bizarras e mudanças físicas indescritíveis, bem como uma total, permanente e drástica mudança de vida. Isso se o processo todo não me matasse.

Ótimo. Eu não queria fazer nenhuma das duas coisas. Só queria tentar ser normal, apesar do fardo de meus pais mega-conservadores, do ogro do meu irmão mais novo e da minha irmã tão perfeitinha. Eu queria passar em geometria. Queria manter minhas notas altas para ser aceita no curso de veterinária da Universidade de Oklahoma e queria cair fora de Broken Arrow, Oklahoma. Mas o que mais queria era me encaixar – ao menos na escola. Em casa era esperança perdida, de modo que tudo que me restou foram meus amigos e minha vida longe da família.

Agora isso também estava sendo tirado de mim.

Eu esfreguei a testa e me descabelei até cobrir parcialmente meus olhos e, com sorte, a marca que aparecera sobre eles. Mantendo a cabeça abaixada, corri até a porta que dava para o estacionamento dos alunos.

Mas parei pouco antes de sair. Pelas janelas abertas que ladeavam as portas de aparência institucional pude ver Heath. As garotas se aglomeravam ao redor dele, fazendo pose e jogando os cabelos, enquanto os caras do lado de fora faziam manobras ridículas em suas enormes picapes, tentando (mas geralmente não conseguindo) parecer descolados. Não dá para entender como eu escolheria *isso* para me atrair? Não, para ser justa comigo mesma, devo lembrar que Heath costumava ser incrivelmente doce, e ainda agora ele tinha seus momentos. Principalmente quando se dava ao trabalho de se manter sóbrio.

Os risinhos histéricos e agudos das garotas voaram rapidamente do estacionamento até mim. Ótimo. Kathy Richter, a maior cachorra da escola, estava fingindo que dava um tapa em Heath. Até mesmo de onde eu estava ficava óbvio que ela achava que bater nele era algum tipo de ritual de acasalamento. Como sempre, o sem-noção do Heath só ficou parado, rindo. Ora, que inferno, pelo jeito meu dia não ia melhorar em nada. E meu fusca 1966 azul-ovo-de-pintarroxo estava bem no meio deles. Não, eu não podia ir até lá. Não podia caminhar no meio de todos eles com este troço na minha testa. Jamais conseguiria ser parte deles

outra vez. Já sabia muito bem o que eles fariam. Lembrei-me do último garoto que um *Rastreador* escolhera na escola.

Acontecera no começo do ano letivo passado. O *Rastreador* chegara antes da escola começar suas atividades e escolheu o garoto como alvo quando ele estava caminhando para sua primeira aula. Eu não vi o *Rastreador*, mas depois vi o garoto, só por um segundo, depois que ele largou os livros e saiu correndo do edifício com sua nova Marca brilhando na testa pálida e com suas bochechas muito brancas lavadas por lágrimas. Jamais me esqueci como os corredores estavam cheios naquela manhã e como todo mundo se afastou quando ele tentou fugir pela porta da frente da escola, como se ele tivesse alguma doença contagiosa. Eu fui uma das que recuou e ficou olhando quando ele passou, apesar de sinceramente sentir muito por ele. Só não queria ser rotulada como uma daquelas “garotas amigas de esquisitos”. Meio irônico, não é?

Ao invés de ir para o meu carro, fui para o toailete mais próximo que, felizmente, estava vazio. Havia três cabines – sim, eu conferi duas vezes para ver se via os pés de alguém. Em uma das paredes havia duas pias, sobre as quais estavam pendurados dois espelhos de tamanho médio. Em frente às pias havia uma parede coberta por um enorme espelho sob o qual existia uma prateleira para colocar escovas, maquiagem e qualquer outra coisa. Pus minha bolsa e meu livro de geometria sobre ela, respirei fundo e, com um só movimento, levantei a cabeça e escovei meus cabelos para trás.

Era como olhar para o rosto de um estranho familiar. Sabe aquela pessoa que você vê no meio da multidão e jura que conhece, mas não conhece? Agora esta pessoa era eu: a estranha conhecida.

Ela tinha os meus olhos, que ostentavam o mesmo tom de avelã que parecia indeciso entre o verde ou o castanho. Mas meus olhos nunca foram tão grandes e redondos. Ou foram? Ela tinha os meus cabelos – longos e lisos e quase tão escuros quanto os de minha avó antes de começarem a ficar grisalhos. A estranha tinha as minhas pronunciadas

maçãs do rosto, nariz longo e lábios fartos – mais traços de vovó e seus antepassados *Cherokee*. Mas meu rosto jamais fora tão pálido... talvez apenas parecesse pálido em comparação com o desenho azul-escuro de uma lua crescente perfeitamente posicionada no meio de minha testa. Ou quem sabe fosse aquela horrenda luz fluorescente. Torci para que fosse a luz.

Olhei fixo para a exótica tatuagem. Misturada às minhas feições *Cherokee*, parecia uma marca de bestialidade... como se eu pertencesse a tempos ancestrais, quando o mundo era maior... mais bárbaro.

Depois deste dia minha vida nunca mais seria a mesma. E por um momento – só por um instante – me esqueci do horror de ser excluída e senti um chocante estouro de prazer, enquanto internamente regozijava o sangue do povo de minha avó.